

DA BELEZA

Em 03 de dezembro de 2014, na Fundação Cultural de Curitiba, no Solar do Barão, ouvi uma palestra sobre Estética, cujo título era "O que é Beleza? Por que ela importa?", proferida pelo professor de Filosofia Tiago Amorim. Fiz apenas duas perguntas e não quis entrar em debate. Pois, ali não cabia qualquer aprofundamento. Essa aula está disponível em: https://www.youtube.com/watch?fbclid=IwAR2bUs7SO1rQJ7ee8IVHUNOFIuoQ36kDRvNiKI3KS-_rlckCHhQ5JO_j9rs&v=QqUT31x-v3k&feature=youtu.be. Dias depois escrevi alguns comentários sobre a aula do referido professor, que segue a abaixo:

O professor afirmou a estética dele está vinculada ao cotidiano e ao mesmo tempo afirmou que o belo não está aqui no Brasil, mas, na Europa, mais precisamente na França. Pois, lá está a simetria e, conseqüentemente, a ordem (kosmos) que, no entender dele, é o Belo. Embora tenha afirmado continuamente a beleza da mulher, afirmou, reiteradamente, a questão simétrica aristotélica como símbolo do perfeito e do Belo. Porém, ele se esqueceu de dizer que, segundo Aristóteles, a simetria no pequeno não é bela. Razão pela qual, o estagirita afirmou que o macho é mais belo do que a fêmea. Pois, a mulher, por ser menor, não é simétrica. Por isso mesmo ela é falsa e enganadora. Já, na concepção do grego Hesíodo, a mulher é um kalon kakon - um mal que é belo. Pode-se argumentar que essa afirmação aristotélica é falsa. Pois, tal como os números, "homem" é um universal que só existe enquanto ideia, mas não materialmente. Materialmente só existem os particulares, ou seja, Joaquim, José, João, etc. O mesmo argumento vale para a "mulher". Só existem Maria, Joana, Paula, etc. Portanto, uma Maria pode ser simétrica e um João assimétrico. Mesmo porque, tal simetria aristotélica está ligada aos tamanhos das pernas e braços em relação ao tronco.

O professor também abordou à estética medieval, mais precisamente a agostiniana e a tomista. Na estética agostiniana ele se esqueceu de apontar que, para Agostinho de Hipona, o belo não é a mulher, nem o casamento, nem o amor. Pois, para Agostinho, como também para Paulo de Tarso, o celibato é superior ao casamento. Logo, o celibato é mais belo do que o casamento, do

que a mulher e do que o amor. Pergunta-se: Como pode ser belo algo que, caso fosse praticado por todos, destruiria a humanidade?

Já, na estética tomista, o professor se esqueceu de dizer que Tomás de Aquino em sua "Summa Theologica", reafirma a estética da simetria aristotélica, apontando que a mulher é um homem imperfeito. Portanto, defeituosa e bastarda por faltar-lhe o princípio ativo. Em outras palavras, falta-lhe uma das três almas aristotélico-tomista que são a nutritiva (reprodutiva), a sensitiva e a intelectual, sendo esta a imortal. Aqui também, pode-se argumentar que a mulher possui uma alma, que o homem não tem, que é o princípio ativo germinador. Portanto, pode-se inferir que o imperfeito e defeituoso é o homem e não a mulher.

Analisando o discurso dele se percebe várias contradições. O discurso do professor é ideologicamente conservador e fundamentalista porque está fundamentado numa estética greco-medievalesca. Outra contradição está na afirmação de que estética dele se fundamenta no cotidiano. Qual cotidiano? Pois, ele despreza a estética pós-moderna, do aqui e agora, e afirma o passado do modernismo renascentista. Mais ainda, despreza as belezas cotidianas brasileiras e afirma as belezas cotidianas francesas, supostamente simétricas, como se ele lá vivesse. Olhando o Facebook do referido professor, vi que ele é fã incondicional do astrólogo Olavo de Carvalho que, embora sem formação acadêmica, intitula-se filósofo, mas na realidade é um "falósofo". Pois, de dez palavras pronunciadas por Olavo de Carvalho, nove referem-se ao falo. Talvez aí esteja a explicação para o seu discurso contraditório, conservador e fundamentalista.

Curitiba, 05 de dezembro 2014.

Antonio Carlos da Silva